

# AGROPECUÁRIA MINEIRA

ANO 11 | NÚMERO 69 | JUNHO 2016

## CAFÉ

# Mais um ano incerto

Ana Carolina Alves Gomes\*

O ano começou com boas expectativas para produção de café em Minas Gerais, muito em razão do bom pegamento dos grãos e lavouras carregadas nas principais regiões produtoras. Mas as perspectivas mudaram juntamente com o clima. Geadas e chuvas fora de época têm preocupado boa parte dos produtores, principalmente no sul de Minas.

De acordo com relatos de cafeicultores, poderemos ter perda de qualidade, pois muitos frutos caíram no chão, racharam e mofaram no pé ou fermentaram nos terreiros, cobertos por lonas encharcadas.

Após enfrentar dois anos consecutivos de seca, a cafeicultura terá mais um período delicado. Segundo dados da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento), as safras nas regiões produtoras Matas de Minas e Chapada serão menores que a anterior: -7% e -2,7%, respectivamente.

## REGIÕES PRODUTORAS

A queda nas Matas de Minas se deve à bienalidade invertida e à redução da área em produção, já que boa parte das lavouras precisou ser reformada (renovação, podas, substituição) após a alta produção em 2015.



Fonte: Cepea.

Já no sul de Minas – onde se esperava boa produção, a ocorrência de geada, chuvas e outros fatores climáticos tende a comprometer a safra. É difícil mensurar o prejuízo nesse momento, mas, espera-se menos qualidade e, até mesmo, volume.

Os produtores da Chapada também terão dificuldades este ano. As condições climáticas não foram favoráveis durante o período de desenvolvimento do café. As lavouras foram castigadas pela elevação das temperaturas e o baixo volume de chuvas durante o verão (enchimento dos grãos). Há ainda que considerar a redução drástica da irrigação em várias plantações.

Nesse caldeirão de dificuldades, espera-se que o Cerrado possa se destacar. Com aumento de produção estimado, pela Conab, em 60,2%, a região passará a ser a segunda maior produtora do estado.

## MERCADO

O preço do café arábica caiu entre março e abril, depois de divulgadas as boas perspectivas das lavouras, antes da colheita. Esperava-se volume e qualidade maiores do que os da última safra.

Entretanto, a interrupção da colheita devido às chuvas e as notícias sobre geadas causaram uma reação positiva no preço a partir de maio, principalmente para os cafés de melhor bebida. A dúvida agora é sobre a qualidade do produto que será ofertado e qual será a rentabilidade que o produtor conseguirá.

Diante deste cenário cabe ao produtor cautela e gestão, pois administrando sua atividade ele consegue minimizar as externalidades que não estão sob seu controle. Uma ferramenta do Sistema FAEMG que pode ajudar o cafeicultor é o Programa Café+Forte.

\* Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio (Unioeste) e bacharel em Gestão do Agronegócio (UFV); coordenadora do Programa Café + Forte; área de atuação: silvicultura, café e cana-de-açúcar.

## BOVINOCULTURA DE CORTE

## Desafios e oportunidades

Wallisson Lara Fonseca\*

O aumento dos custos de produção e a cautela no uso de tecnologias por parte dos pecuaristas são alguns dos fatores que podem definir as tendências para o segundo semestre de 2016.

As cotações do boi gordo têm-se mantido firmes diante do contexto interno: economia fragilizada, aumento do desemprego, oferta de animais ainda pequena e demanda fraca devido ao poder de compra suprimido do consumidor.

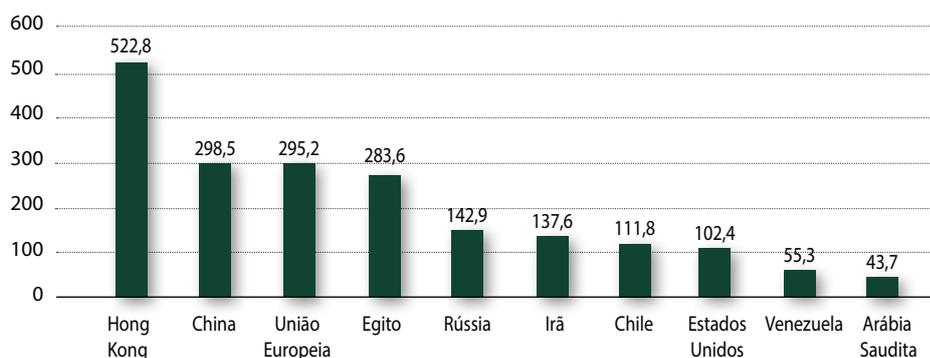
Não bastasse a conjuntura econômica, a pecuária de corte ainda pode sofrer o impacto das condições climáticas. A diminuição das chuvas e as baixas temperaturas influenciam diretamente a oferta e a disponibilidade das pastagens, levando o produtor a reduzir sua demanda por animais de reposição.

## EXPORTAÇÕES

Contrariando o cenário doméstico, o mercado internacional está em plenitude. A demanda está aquecida e o nível de consumo retornando a patamares favoráveis à exportação. No acumulado de 2016, de janeiro a maio, em Minas Gerais a balança comercial de carne bovina fechou positiva tanto em receita quanto em volume, 19,6% e 26,4% respectivamente.

## COMPETITIVIDADE

Em meio à atual conjuntura, o Sistema FAEMG divulgou o *Diagnóstico da Pecuária Bovina de Corte em Minas Gerais*<sup>1</sup>. Encomendado pela Comissão Técnica de Pecuária de Corte da FAEMG ao INAES, o estudo procurou traçar o perfil do pecuarista mineiro e da gestão utilizada na atividade. Analisou os indicadores técnicos e econô-

EXPORTAÇÃO DE CARNE BOVINA BRASILEIRA JAN-MAIO/2016  
FATURAMENTO (US\$ EM MILHÕES)

Fonte: ABIEC.

micos de cada sistema produtivo e os avaliou economicamente com base nos indicadores financeiros.

O trabalho apontou que 71,7% dos pecuaristas que participaram não realizam planejamento estratégico da sua atividade, ou seja, não exercem uma gestão do empreendimento rural. Isso pode inviabilizar a perenidade do negócio, no curto e médio prazo.

O espaço para equívoco na tomada de decisão é reduzido no negócio rural, principalmente em um momento de incerteza e indefinição na economia interna e mundial, como o atual. Exemplo disso são os confinadores que devem ter os números da produção atualizados para vislumbrar a atratividade financeira do sistema como estratégia neste cenário de custos elevados de animais de reposição, ração e demais insumos.

Outro ponto que merece destaque é o nível de investimento em tecnologia, considerado baixo no diagnóstico principalmente em aspectos como reprodução do rebanho e qualidade nutricional. Também é pequeno o índice de contratação de assistência técnica, apenas 33% dos produtores entrevistados a utilizam. Ainda com destaque a baixa taxa de lotação, cuja média ficou em 1,03 cabeça por hectare de pasto.

A atmosfera nacional pode ser de pessimismo, contudo, o bovinocultor não deve desanimar. Mais do que apontar gargalos o diagnóstico citado aponta soluções. Confirma que Minas tem plenas condições de expandir a produção e comercialização de carne. Já somos competitivos e podemos melhorar. As oportunidades existem e são concretas. Como dito, o mercado externo está aquecido – e tende a continuar em crescimento.

Um exemplo de nicho de mercado que tem crescido e criado um valor agregado interessante para a cadeia produtiva é a carne *gourmet*. Nesse segmento todos os elos têm a sua parcela de responsabilidade e também de benefícios. Dentro da porteira, o pecuarista deve se preocupar com o incremento produtivo, aumentar a produção de carne/ha/ano, ganhando também em qualidade de carne.

Para aproveitar essa e outras oportunidades – e resistir à crise nacional – a receita não muda: planejamento.

\* Zootecnista (UFV), especialista em Bovinocultura Leiteira (Ufla); MBA em Gerenciamento de Projetos (FGV); coordenador do Programa Balde Cheio em Minas Gerais (FAEMG); área de atuação: pecuária.

1. A íntegra do estudo está disponível para download em [www.sistemafaemg.org.br/inaes](http://www.sistemafaemg.org.br/inaes)

## CONJUNTURA

# Por trás dos preços

Aline de Freitas Veloso\*

Nas últimas semanas, os preços de produtos básicos da alimentação têm assustado os brasileiros. Se antes o tomate era tido como “vilão da inflação”, mais recentemente a batata, o leite, o açúcar e, sobretudo, o feijão têm imperado na mídia.

Dados do IBGE destacam que no IPCA-15 de junho o subitem “Alimentação e bebidas” já não figura entre os que tiveram seus preços majorados, na comparação com o mês anterior. Porém, no acumulado dos últimos 12 meses, é o que mais contribuiu para a inflação.

Ainda assim, não é possível indicar que isso se deve a preços maiores pagos ao produtor rural. As cadeias produtivas são compostas por muitos agentes que, na maioria das vezes, conseguem auferir ganhos maiores, em detrimento do campo.

## CAUSAS

A origem dos revezes nos preços não tem a ver somente com o clima, ainda que seja um fator preponderante na produção. No caso do feijão os principais estados produtores – Paraná e Minas Gerais – foram acometidos por adversidades opostas: chuva em excesso no sul e seca por aqui. Desse modo, a produção, que já vem diminuindo ao longo dos anos (o que será produzido em 2016 é 15% menor do que o que foi produzido em 2006), caiu ainda mais.

Nem mesmo a terceira safra – semeada sob irrigação, mas a custos mais altos – e a possibilidade de importação do grão será capaz de deter a alta nos preços ao consumidor. A diminuição da Tarifa Externa Comum por três meses não garante que o produto importado será o “feijão carioquinha”, até porque só aqui o produzimos.

## ANTECEDENTES

Somados ao clima, outros fatores têm influenciado negativamente o setor produtivo. O que se tem visto nos últimos anos é uma despreocupação com o rural brasileiro, especialmente no âmbito das políticas públicas. Estudos do próprio Mapa (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) e de pesquisadores da Embrapa indicam diminuição dos gastos públicos com o setor agropecuário, especialmente a partir dos anos 2000.

Na década de 1980, o montante era da ordem de 12% do total dos gastos públicos, destinados a grandes aquisições de produtos pela política de preços mínimos. A partir de 1990, a concepção da política agrícola brasileira foi alterada e houve diminuição dos subsídios diretos, abertura comercial e planos de estabilização econômica.

Em 2013, segundo dados da Secretaria do Tesouro Nacional, os gastos com o setor equivaleram a 1,13% do total. Mais recentemente, as operações de equalização das taxas de juros de crédito rural quase que exclusivamente representam a participação do governo federal no setor.

## DESCASO

Segundo a FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), o percentual de gastos com a agropecuária deveria ser equivalente à participação do setor no PIB. Se assim fosse, o agronegócio deveria estar recebendo cerca de 30% do PIB brasileiro em investimentos públicos.

O que não falta são propostas e projetos para o setor, inclusive com a colaboração dos representantes dos produtores – como fizemos em março deste ano, ao levantar as demandas para o Plano Agrícola e Pecuário, juntamente com a CNA. Todavia, nem sequer conseguimos apresentá-lo ao Mapa, assim como ocorre com diversas outras contribuições.

Muitas vezes, o orçamento é aprovado, mas ao longo do ano vai sendo contingenciado. A medida que mais salta aos olhos é o Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural, que vem sendo podado ano após ano e já não cobre 5% da área plantada. Ademais, os produtos de seguro não são adequados ao que é produzido e aos fatores de risco inerentes à atividade.

## PODE PIORAR

A “falta de recursos” é conjuntural. A crise atual tem aspectos macroeconômicos, fortemente impactados pela turbulência política, e há necessidade real de ajuste nos gastos públicos gerais. Nesse sentido, é incompreensível que o setor agropecuário – que já não é contemplado a contento com investimentos – seja surpreendido, por exemplo, com a possibilidade de taxaço das exportações para cobertura do rombo na Previdência.

A medida pode desestimular o comércio internacional, comprometendo a balança comercial, e fadando o produtor a vender internamente – onde a população está com poder de compra reduzido.

## CAMINHO

A superação da crise econômica passa, necessariamente, pela dinamização produtiva do setor agropecuário, por seus efeitos de capilaridade em todo o restante da economia e, especialmente, no interior do país. O setor precisa de uma política nacional de desenvolvimento rural de longo prazo, que dê diretrizes para além de mandatos governamentais. Estamos prontos para contribuir com as propostas, como já fazemos, mas precisamos de garantias de que o benefício virá. E que seja o mais breve possível.

\* Mestre em Agronegócios (UFMS); economista (Faculdades Newton Paiva) e bacharel em Gestão do Agronegócio (UFV); coordenadora da Assessoria Técnica da FAEMG; área de atuação: crédito e seguro rural, energia elétrica e análise econômica.

## HORTIFRÚTIS

# Demanda elevada no inverno

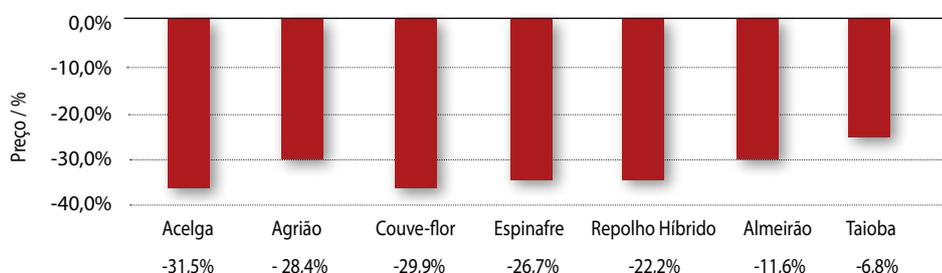
Caio César Coimbra\*

Os hortifrúteis estão presentes na mesa do brasileiro ao longo do ano, durante todas as estações, acompanhando as refeições diárias. Quando pensamos nesses produtos, os primeiros que vêm em mente são os mais tradicionais, utilizados nas saladas de verão, tais como a batata, o tomate e a alface.

No entanto, em períodos com temperaturas baixas, as hortaliças folhosas como espinafre, acelga, couve, taioba e almeirão, além de mandioca e inhame, que são próprias para o preparo de pratos quentes, ganham a preferência do consumidor. No Ceasa Minas, já se observa o fato, que tem como causa as baixas temperaturas provocadas por influência de fortes massas de ar frio que chegaram a Minas Gerais durante o outono.

Para o inverno, a previsão é de temperaturas abaixo da média registrada nos últimos anos, segundo dados do Centro de Climatologia PUC Minas/Tempo Clima. Com isso, a demanda por hortifrúteis característicos dessa estação deverá aumentar.

### VARIAÇÃO DE PREÇOS JUN/2015 - JUN/2016



Fonte: Ceasa Minas.

### PREÇOS EM ELEVAÇÃO

Apesar de o cultivo de muitas folhosas ser favorecido pela temperatura amena, a produção de hortaliças em geral, principalmente de frutos, está sendo afetada de forma drástica pelas baixíssimas temperaturas e as geadas na região Sul do Brasil.

O tomate, por exemplo, é um fruto sensível à geada, e quando submetido a temperatura abaixo de 10° C tem o seu crescimento prejudicado. Atualmente, está com o preço em queda devido à reduzida demanda no mercado mineiro. Contudo, ao abastecer outros mercados, como os da região Sul do país, os preços tendem a se elevar no estado.

Outros produtos tais como batata e alface devem seguir a mesma lógica do tomate, segundo Ricardo Martins, coordenador da Seção de Informação de Mercados do Ceasa Minas, já que o inverno promete ser rigoroso no país.

### PRATOS TÍPICOS

As hortaliças utilizadas no preparo de pratos quentes, próprios para esta época do ano, devem chegar ao consumidor com preços elevados. Além das baixas temperaturas e das festas típicas de junho e julho, quando o consumo aumenta consideravelmente, neste ano há um fator extra que deve ocasionar aumento da demanda: as olimpíadas. Com a chegada de milhares de turistas estrangeiros, a procura por pratos típicos brasileiros deverá ser grande, o que influenciará o mercado de hortifrúteis, sendo ótima oportunidade para os produtores venderem seus produtos a bons preços. Por outro lado, o consumidor deverá pagar mais devido à demanda aquecida.

\* Engenheiro agrônomo (UFV); *practitioner* em Programação Neurolinguística (PNL); área de atuação: fruticultura, olericultura e grãos.

Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais  
Serviço Nacional de Aprendizagem Rural AR-MG

FAEMG – Presidente: Roberto Simões

SENAR MINAS – Presidente do Conselho Administrativo: Roberto Simões

Superintendente: Antônio do Carmo Neves

INAES – Superintendente: Pierre Santos Vilela

EDITADO PELA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Tel: (31) 3074-3105 – revista@sistemafaemg.org.br

Assessor de Comunicação Social: Lauro Diniz

Jornalistas: Ciara Albernaz, Flávio Amaral, Janaina Rochido, Ludymila Marques,  
Maria Teresa Leal e Silvana Matos – Estagiário: Thiago Bethônico

Assessoria Técnica: Aline de Freitas Veloso (coordenadora), Ana Carolina Alves Gomes,  
Caio César Coimbra e Wallisson Lara Fonseca

Av. do Contorno, 1771 – Cep 30110-005 – Belo Horizonte, MG

Tels: (31) 3074-3000 e 3074-3074 – Fax: (31) 3074-3030

www.sistemafaemg.org.br – facebook.com/SistemaFaemg – Twitter: @sistemafaemg